

PMDB exige ação do candidato

**Embora criticado,
Ulysses não se afoba e
prefere fazer campanha
no seu velho estilo**

ARIOSTO TEIXEIRA

BRASÍLIA — O estilo de fazer campanha do deputado Ulysses Guimarães ainda é uma incógnita no PMDB e motivo da alta voltagem que ataca a ansiedade e desafia a paciência de deputados e senadores. Diante das pesquisas de opinião, que mantêm Ulysses num desconfortável quarto lugar, bem atrás de Fernando Collor de Mello, Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva, todos cobram de Ulysses maior movimentação. Ele escuta os argumentos com paciência e os desmonta invariavelmente com duas palavras: "Ainda é cedo".

"Ele deve ter razão", conforma-se o ex-prefeito de Cuiabá, Dante de Oliveira, que não

oculta sua preocupação com o estágio da campanha. "O PMDB tem candidato há mais de 30 dias e não aconteceu nada, nenhum fato novo", lamenta. "Mas ele é mais velho, um homem experiente, que certamente sabe o que está fazendo", tenta se convencer.

O estilo de fazer política de Ulysses todos conhecem: ele ouve alguns, não diz o que vai fazer e, depois, decide. Antes de se tornar candidato, era sempre o primeiro a dar reuniões por terminadas, porque decidiria tudo sozinho. Nisso ele mudou. Agora, dá mais atenção a opiniões que antes desprezava.

HUMILDADE

Ulysses tem demonstrado também uma humildade desconhecida de muita gente. A deputada Rita Camata atendeu a um telefonema dele, que a fez reavaliar seus planos de apoiar Collor: Ulysses desculpou-se e disse sentir-se constrangido em ligar, porque sempre deu mais atenção ao gover-

nador do Espírito Santo, Max Mauro, amigo pessoal dele e adversário de Rita e do marido, senador Gerson Camata. Não pediu apoio, prometeu passar no gabinete dela para "uma conversa mais longa" e admitiu ter errado com Mauro, que trabalhou contra ele na convenção do PMDB.

Foi notável também o modo como ele desfez a adesão da deputada Márcia Kubitschek a Collor. O candidato do PRN convidou a filha do ex-presidente Juscelino Kubitschek para ser vice na sua chapa. Márcia aceitou e foi a São Paulo dizer isso a Ulysses, aconselhada pela mãe, Sara. Ulysses ouviu, falou da profunda amizade que o unia a Juscelino e se despediu de Márcia, recomendando que se apressasse, porque Collor também havia convidado para vice o senador Itamar Franco. Não deu outra, Collor não se comprometeu por escrito, como exigiu Márcia, e ela ficou no PMDB.

O que ulyssistas e waldiristas pedem a Ulysses é um

cronograma, um fluxograma e um programa de campanha, e, se possível, um slogan. São três "gramas" que normalmente fazem Ulysses torcer o nariz: cronograma ele diz que faz conversando com o partido, marcando reuniões e comícios; fluxograma, ele simplesmente afirma não saber o que é e programa acha que todo mundo já conhece o dele.

Em recente reunião de deputados e senadores com Ulysses e Waldir Pires, o debate sobre o programa corria solto. Falava-se sobre tudo. De repente, Ulysses puxou um papelinho do bolso, fez anotações e chamou: "Oswaldo" —, entregando o papel a seu secretário particular há 30 anos, Oswaldo Manicardi. A discussão amainou e todos saíram do encontro com a impressão de que a campanha de Ulysses não terá nada de científico e tudo será feito no velho modelo familiar que há 50 anos o mantém na vida pública. "Queira Deus que dê certo no final", reza o deputado Antônio Britto.